

Brasília não investe em água e Aparecido acusa terceiro escalão

Brasília — Depois que o Serviço Nacional de Informações detectou a presença de coliformes fecais na água que a Caesb (Companhia de Águas e Esgotos de Brasília) distribuía para a região do Palácio da Alvorada, em janeiro deste ano, o governador José Aparecido volta a ter problemas com a companhia. Desta vez, foi constatado que a empresa deixou de utilizar a maior parte dos recursos que o BNH colocou à sua disposição para, até 1º de setembro, aumentar a produção e melhorar a qualidade da água servida na capital.

Memorando assinado pelo chefe da Assessoria de Planejamento e Coordenação da Caesb, Oromar Darlan de Pinho Tavares, mostra que dos Cz\$ 221 milhões 705 mil disponíveis no BNH para obras de saneamento no DF, em 1986, a Aaesb só utilizou Cz\$ 14 milhões 817 mil. O montante aconteceu porque o BNH descobriu falhas no planejamento de obras, falta de licitação pública e pedidos de financiamento e contratos feitos com valores acima do necessário.

O governador ficou irritado depois que o documento, encomendado pelo próprio presidente da companhia, William Penido Valle, ex-consultor do Banco Mundial para projetos do Brasil, chegou à imprensa de Brasília, antes que a diretoria da empresa estatal tomasse conhecimento de seu teor. Aparecido e o presidente da Caesb afirmaram que existe um grupo interessado em desestabilizar a companhia e que ele estaria no terceiro escalão, embora preferisse não anunciar nenhum nome. Na reunião de ontem do conselho deliberativo, ficou decidido que a Coesb irá adotar "normas mais rigorosas para circulação interna de relatórios, memorandos e outros papéis". A preocupação do governo do Distrito Federal com o vazamento de informações é tamanha que a Secretaria de Segurança foi acionada para tentar descobrir os envolvidos.

Para William Penido, no entanto, a não liberação das verbas contratadas com o BNH tem outras razões: não há contrapartida do DF junto ao Fundo de Água e Esgotos, formado por depósitos feitos pelo governo e BNH, cada um participando com 50% da reserva, um espécie de carteira do Banco de Brasília. Além disso, segundo Penido, "sempre houve muita turbulência na Caesb, no campo administrativo e gerencial", o que a torna pouco ágil.

No começo do ano, quando foram identificados os 2 mil 400 coliformes por 100 mililitros de água servida no Alvorada, a solução encontrada por Aparecido foi a demissão de toda a diretoria da Caesb, inclusive do presidente Laélcio Ladeira de Souza, ainda inconformado com a exoneração.

William Penido admitiu ontem a existência do relatório que comprova a má gestão da Caesb e que teria sido furtado pelo que o governo chama de "grupos desestabilizadores do terceiro escalão".